

**TRÊS PERSPECTIVAS TEÓRICO-
METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO
DAS RELAÇÕES ENTRE MIGRAÇÕES
E CONTEXTOS SOCIOMIDIÁTICOS**

Mídia e memórias: elementos para pensar a problemática das memórias étnicas midiaticizadas

*Jiani Adriana Bonin**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo pensar algumas proposições para compreender a problemática da memória étnica na sua relação com as mídias. Interessa-nos, mais especificamente, alinhar algumas proposições em torno do conceito de memória coletiva e dar alguns passos no sentido de sua problematização para refletir sobre as conformações que as memórias étnicas adquirem hoje no âmbito do processo de midiaticização dos grupos migrantes. **Palavras chave:** mídia; memória étnica; memória coletiva.

ABSTRACT

*The objective of this article is to consider some proposals for understanding the problem of ethnic memory and its relationship with media. Our interest, more specifically, is to arrange some proposals around the concept of collective memory and take some steps toward its problematization to be able to examine the form that ethnic memories adopt today considering the mediaticization processes of migrant groups. **Key Words:** media, ethnic memory, collective memory*

RESUMEN

*Este artículo tiene como objetivo pensar algunas propuestas para comprender la problemática de la memoria étnica y su relación con los medios de comunicación. Nos interesa, mas específicamente, hilvanar algunas propuestas en torno al concepto de memoria colectiva y dar algunos pasos en la línea de las problemáticas para pensar como se constituyen las memorias étnicas hoy en el ámbito de los procesos de mediaticización de los grupos migrantes. **Palabra clave:** medios de comunicación, memoria étnica, memoria colectiva.*

INTRODUÇÃO

Alguns autores vêm chamando a atenção para o fenômeno de emergência da memória como uma das preocupações centrais das sociedades atuais; de uma cultura da memória¹, que se globaliza, fortemente marcada pela ação da Indústria Cultural. Um âmbito que vemos como importante para pensar as transformações que se operam na conformação coletiva/individual da memória com a midiaticização é o relativo à memória étnica. Nesse sentido, constatamos um investimento histórico e atual de mídias e gêneros em torno desta modalidade de memória, seja relacionada a descendentes de imigrantes de grupos que vieram no período de colonização² seja de outros grupos de imigração mais contemporânea (como os fluxos migratórios de imigrantes de países do Mercosul)³, o que nos permite pensar numa específica configuração de cultura midiática da memória. Nesse processo, as mídias não “transportam” a memória étnica de maneira inocente, elas a condicionam e fabricam na sua própria estrutura e forma, instituindo-se, para usar os termos de Mata (1999), como marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido.

No âmbito desse processo, algumas questões vêm nos instigando à investigação, relacionadas à particular configuração e ao modelamento das memórias de grupos étnicos de imigração histórica e contemporânea pela mídia, aos palimpsestos⁴ de memórias midiaticizadas que se instituem na recepção e ao esquecimento, constitutivo deste processo. No marco dessas preocupações, interessamos especificamente, neste artigo, alinhar algumas proposições em torno do conceito de memória coletiva e dar alguns passos no sentido de sua problematização para pensar as conformações que as memórias étnicas adquirem hoje no âmbito do processo de midiaticização.

PENSANDO A MEMÓRIA ÉTNICA EM SEU LASTRO COLETIVO

Pensar a mediação da memória étnica nos desafia a refletir sobre a problemática da memória em sua conformação/vinculação coletiva – *memória coletiva*; evocada por sujeitos individuais, tal memória carrega *marcos coletivos de constituição* - relacionados à pertença a um grupo étnico, à ação da mídia e/ou de outros agentes sociais. Maurice Halbwachs é o autor que trabalhou o conceito de memória coletiva para pensar, desde uma perspectiva sociológica, a dimensão propriamente social da memória. Para ele, a memória individual se assenta e se organiza com base em quadros sociais; carrega consigo a dimensão social dada pela linguagem, pela inserção do indivíduo num contexto social e em relações de pertencimento; ampara-se e se constitui nas relações que o indivíduo mantém com os demais membros de seus grupos de pertença. Argumenta o autor que a recordação/reconstrução de um acontecimento passado se faz a partir de dados e noções comuns que se encontram no indivíduo e nos demais, e isso só é possível se os membros fizerem e continuarem fazendo parte de uma mesma configuração social. Recordar significa voltar a evocar, mediante a interação social, a linguagem, as representações, as classificações coletivas, ou seja, reatualizar a memória do grupo social de pertencimento. A memória coletiva, nessa perspectiva, é pensada como a seleção, interpretação e transmissão de certas representações do passado sob o ponto de vista de um grupo social determinado.

O pensamento do autor privilegia, portanto, a dimensão coletiva de conformação da memória. Entretanto, e concordando com Montesperelli (2004), pensamos que não exclui sua interação com a dimensão individual da memória. Sob essa ótica, o autor propõe que, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um grupo de pessoas, são os

indivíduos que se lembram, na condição de membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, que se apóiam umas sobre as outras, não são necessariamente as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Assim, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e esse ponto de vista muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa no grupo e conforme as relações que mantém com outros meios sociais.

Tomando isso em conta, a idéia de uma memória da sociedade⁵ ou mesmo de uma memória de um grupo unificada é problemática; se tal memória existir, só poderá ser fruto de cruzamentos e integrações de distintas memórias⁶ (e esquecimentos).

O conceito de memória coletiva conserva sua fecundidade para refletir sobre formas de consciência do passado (ou de inconsciência, em caso de esquecimento), de algum modo, compartilhadas por grupos sociais, como aquelas relativas aos grupos étnicos. É possível admitir, e aqui compartilhamos da visão de Candau (2002), que a sociedade/os grupos produzem certas “percepções fundamentais”, que existem configurações de memória características de grupos ou sociedades – para as quais o autor propõe a noção de *marcos sociais de memória*. Mas, no interior dessas configurações, cada indivíduo impõe seu próprio estilo, estreitamente dependente de uma parte de sua história e da organização de seu cérebro, que sempre é única. A memória coletiva pode também compartilhar mais esquecimentos do que propriamente lembranças.

Pierre Nora traz outros elementos para pensar as articulações entre memória individual e memória coletiva e as contradições e conflitos que as atravessam. O que se denomina como memória coletiva, argumenta, com frequência, é produto de uma articulação de estratos de memória distintos; se podemos admitir que certos *lugares de memória* nos

falem de determinadas modalidades de memória coletiva, como a memória étnica, estes são em geral a condensação de memórias plurais, mais ou menos antigas, com frequência, conflitivas e que interatuam entre si. Os lugares de memória seriam a obra de memórias múltiplas, às vezes, convergentes, divergentes e inclusive antagônicas. Por consequência, a memória coletiva não é nunca unívoca. A noção de lugares de memória remete a uma unidade significativa, de ordem material ou ideal, a que a vontade de homens (grupos) e/ou o trabalho do tempo converteram num elemento simbólico de uma determinada comunidade. A idéia de fabricação, de produção do lugar subjaz a essa definição e permite pensar que os lugares de memória são móveis e passíveis de reinterpretções diversas e, inclusive, de se tornarem lugares de esquecimento. A noção de lugares de memória refere-se a lugares que *pertencem à memória*, que são *produto dela*, que vêm dela, e não, lugares em que a memória se encarna. Candau (2002) propõe pensar também os *lugares de amnésia*, aqueles que, dado seu passado, poderiam ter se convertido em lugares de memória, mas nos quais a memória não se encarnou.

Seguindo vários autores, é fundamental pensar nos modos como as estruturas de poder e as lutas em torno da hegemonia pela definição da memória e do esquecimento impactam e marcam os marcos sociais da memória. A questão do poder sobre a memória suscita também a discussão sobre a manipulação da memória e a imposição da amnésia. Sob esse aspecto, a memória coletiva é o resultado, nunca adquirido definitivamente, de conflitos e compromissos entre vontades de distintas memórias. Diferentes grupos e agentes competem pela hegemonia sobre os discursos plausíveis e relevantes relativos à memória dentro da sociedade em seu conjunto⁷.

Estas vontades/grupos/agentes distintos se enfrentam na esfera pública, onde lutam pela hegemonia

sobre os discursos plausíveis e relevantes de memória dentro da sociedade e seu conjunto⁸. Os aparatos e modalidades de transmissão da memória desempenham papel relevante também nas lutas em torno da supremacia da memória, e aqui joga papel fundamental às mídias, como arenas centrais de publicização e de visibilização (ou de esquecimento) da memória dos grupos.

Até aqui, vimos rastreando algumas proposições para pensar a dimensão coletiva da memória, apoiando-nos em autores que, desde o ponto de vista de uma sociologia e antropologia da memória, têm algo a nos dizer sobre esta problemática. Entretanto, o que aqui nos interessa pensar é a conformação de memórias étnicas sob a ação da mídia e, sob esse enfoque, as proposições necessitam ser tensionadas para pensar como a midiaticização opera transformações nos marcos sociais ou lugares de memória étnica.

MIDIATIZAÇÃO E MEMÓRIA ÉTNICA

Os conceitos de *mediaticização* e de *cultura midiática* vêm se impondo no âmbito da reflexão comunicacional para fazer frente ao desafio epistemológico-teórico de se pensar as profundas alterações que se instituem nos mais diversos âmbitos de conformação social com a formação, consolidação e expansão histórica do campo das mídias⁹. Com a noção, não se alude apenas a um estágio mais avançado no intercâmbio dos produtos culturais, fruto do incremento de tecnologias e instituições destinadas à produção de mensagens e ao incremento do uso destes tecnologias e meios; o que se busca tornar inteligível é *o caráter estruturador das práticas sociais e de conformador de desenhos das interações sociais que os meios adquirem; as alterações substantivas em termos do redesenho dos modos como a sociedade se estrutura, produz significados, comunica-se, se reproduz-se e transforma-se – e, nesse contexto, o que*

nos interessa, a memória (especificamente étnica) – no decorrer do processo de expansão e inscrição das mídias nos diversos âmbitos do social. Mudanças que, no dizer de Mata (1999), estão exigindo que recuperemos a materialidade dos processos significantes, que reponhamos a centralidade dos meios na análise cultural, mas já não como transportadores de algum sentido acrescentado (as mensagens), mas como “*marca, modelo, matriz, racionalidad productora y organizadora de sentido*” (Mata, 1999, p.84). Mas como podemos pensar as transformações da memória étnica no âmbito do processo de mediação? Esta é uma interrogação extremamente complexa e não temos a pretensão de dar conta dela neste artigo. Interessa-nos por ora alinhar alguns pontos.

Martín Barbero (2001, 2002, 2003) e Andreas Huyssen (2002), refletindo sobre as transformações atuais da memória, argumentam que, para entendê-las, é necessário pensá-las em relação ao fenômeno da transformação da estrutura da temporalidade social e da experiência do tempo, provocada pela complexa intersecção entre mudança tecnológica, mídia e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global, assim como em relação ao fenômeno da planejada obsolescência dos objetos cotidianos pelo mercado – da qual faz parte a acelerada sincronidade produzida pelos meios.

Vivemos numa sociedade cujos objetos cotidianos que, durante séculos, haviam sido feitos para durar, se tornam rapidamente obsoletos – condição de funcionamento do sistema – o que se projeta também sobre as idéias, os costumes, os estilos, os gostos, a memória. Frente à memória que, em outros tempos, os objetos acumulavam, e através da qual conversavam as gerações, hoje a maioria dos objetos são descartáveis¹⁰. Essa mesma amnésia é reforçada pelos meios de comunicação. As mídias,

nesse processo, como lugares de fabricação do presente, estariam contribuindo para debilitar o passado, a consciência histórica. A aceleração tecnocultural, fortemente moldada pelas mídias, estaria levando à perda da noção do tempo e à instalação de um presente contínuo, em “*una sequencia de acontecimientos que no alcanza a cristalizar em duración, y sem la cual ninguna experiência logra crear, mas allá de la retórica del momento, um horizonte de futuro*” (Lechner, 1995, citado por Martín Barbero, 2004, p.32). Um sentido de continuidade histórica ou, no caso, de descontinuidade, ambos dependentes de um antes e de um depois, cede lugar à simultaneidade de todos os tempos e espaços, prontamente acessíveis no cotidiano.

A obsolescência acelerada, as alterações da temporalidade e o debilitamento das ancoragens identitárias, das quais participam os meios como protagonistas importantes, parecem levar à vitória do presente e carregam o risco da amnésia; entretanto, como argumentam Martín Barbero (2001a, 2001b) e Huyssen (2002), paradoxalmente, estariam gerando também um desejo de passado – fenômeno de *boom*, ou febre de memória referido por Martín Barbero, de cultura da memória, no dizer de Huyssen, em que as mídias jogam um papel fundamental – cujo sentido não se esgota na evasão, mas expressa a forte necessidade de tempos mais largos e a materialidade de nossos corpos reclamando menos espaço e mais lugar. A *febre* de memória estaria expressando a necessidade de ancoragem temporal de que sofrem as sociedades (e os grupos), cuja temporalidade é sacudida pela revolução tecnológica informacional, que dissolve as coordenadas espaço-temporais do mundo da vida. Nela se manifesta a transformação profunda por que passa a estrutura de temporalidade, que a modernidade nos legou, desestabilizando o lugar do passado como lastro e fazendo da *novidade* a fonte de legitimidade da cultura.

Estaria correndo risco de desaparecer neste processo o passado como continuidade da experiência, que não se confunde com uniformização nem com nostalgia, mas aponta para um mínimo de horizonte histórico que faz possível o diálogo entre gerações e a leitura/tradução entre tradições. Tradição pensada na versão benjaminiana como herança, não-acumulável nem patrimonial, mas radicalmente ambígua em seu valor e em permanente disputa por sua apropriação, reinterpretada e reinterpretável, atravessada e sacudida pelas mudanças e os conflitos permanentes e as inércias de cada época. A memória que se encarrega da tradição, nessa perspectiva, não é a que é a relacionada a tempo imóvel, mas a que faz presente um passado que desestabiliza (Martín Barbero, 2002, 2005).

Montesperelli (2004) também argumenta que a sociedade pós-moderna e a aceleração do curso histórico estariam levando a uma condição em que o passado seria incapaz de iluminar o presente, levando a uma progressiva presentificação da experiência. Outra ameaça apontada seria a excedência cultural, a superabundância de referências no seio de sociedade mediatizada, *“no se olvida por cancelación, sino por superposición, sin producir ausencia, sino multiplicando las presencias. Una masa sobreabundante de informaciones determina que el lector o el telespectador ya no se encuentre em condiciones de recordar lo ocurrido.* (Eco, 1990, p.19, citado por Montesperelli 2004, p.60).

É importante atentar também para a questão de que a experiência multifacetada da recepção hoje, configurada por múltiplas referências midiáticas, por múltiplos palimpsestos midiáticos de memória, assim como as especificidades da gramática narrativa dos relatos midiáticos instituem uma experiência de fragmentação/proliferação dos relatos, como se a narração explodisse em pedaços. Essas questões nos

permitem pensar que os relatos de memória devem estar se transformando sob a ação desses fenômenos, que podem levar à fragmentação dos relatos de memória e mesmo de produção de lugares de amnésia. É preciso, entretanto, nuançar tais considerações, pensando as especificidades em termos dos relatos de gênero – pensemos aqui nas peculiaridades, por exemplo, do relato da telenovela, cuja duração temporal é larga, diferentemente do relato noticioso televisivo, cuja duração é curta e de composição fragmentada – considerando também particularidades em termos de mídia impressa e televisiva.

Na esteira dessas proposições, julgamos que a memória étnica, que nos interessa particularmente, deve estar sofrendo transformações em sua natureza, qualidade e sentido, marcada pela transformação da estrutura espacial e temporal e em cujo processo a mídia joga um papel fundamental. A mídia pode estar colaborando para um apagamento do sentido do tempo e da memória e transformando a relação com o sentido do passado étnico. Pensamos, em conformidade com Candau (2002) que, nesse processo, a produção de *lugares de memória* deve estar se tornando mais difusa, dispersa e fragmentária; que a mídia atua como agente fundamental de produção de *lugares de memória e de amnésia* – produção marcada por suas matrizes, seus gêneros, suas modalidades narrativas (que apresentam distinções quanto aos gêneros) e sua racionalidade de produção de sentido. Entretanto, também pensamos que os lugares de memória e amnésia não são resultado apenas da ação da mídia, mas articulam-se e são cruzados pelas dinâmicas dos contextos em que os agentes vivem, onde operam *mediações* na constituição das memórias étnicas. Estas e outras questões estão a suscitar (e vêm merecendo, de nossa parte), investimento reflexivo e investigação empírica.

NOTAS

(1) Entre eles, Huyssen (2000), Candau (2002) e Montesperelli (2004).

(2) No caso desses grupos, para dar exemplos, em nossa pesquisa anterior, constatamos um investimento na cobertura noticiosa da RBS TV em temas relativos à memória da imigração alemã e italiana, em vários programas locais produzidos pela emissora. Também, em observações exploratórias, constatamos este investimento em outras emissoras regionais como a TVE e o SBT, assim como a TV-COM da RBS. Na investigação conduzida por Cogo (2004) sobre imigração e mídia impressa, também se verificou a presença de temas relativos à memória da imigração alemã e italiana, particularmente em mídias regionais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Em emissoras nacionais, tivemos as telenovelas *Terra Nostra* e *Esperança* (Rede Globo), cujas tramas tematizaram a memória da imigração italiana; no cinema, por exemplo o filme *O Quatrilho*.

(3) As pesquisas de Cogo sobre a midiaticização da migração contemporânea também permitem ver investimentos da mídia em temas relativos a memórias de grupos étnicos de imigração contemporânea. Por exemplo, em Cogo (2004), a presença desse tipo de tema em jornais regionais e de âmbito nacional.

(4) Utilizamos a noção de *palimpsesto* para pensar a trama de vários textos de memória que se cruzam e se tensionam na experiência do receptor.

(5) Na perspectiva de Halbwachs, é pertinente fazer referência a grupos, e não, a toda a sociedade quando se fala de memórias coletivas: grupos identitários, culturas, instituições compoariam uma pluralidade de memórias coletivas dentro de um mesmo sistema social.

(6) Como observa Jedlowski (1989), citado por Montesperelli (2004).

(7) Jedlowski, 2000 e de maneira análoga, Benjamin, argumentam nesse sentido, segundo Montesperelli (2004). Também Halbwachs (1990) atenta para as lutas em torno da definição da memória coletiva.

(8) Inclusive, podemos pensar, no caso da memória étnica, em lutas que se dariam internamente aos grupos étnicos em torno da leitura “legítima” do seu passado, que podem carregar consigo projetos e políticas de identidade e de memória. Sob esse aspecto, torna-se importante pensar também como, no caso da memória italiana, repercutem as ações históricas para empreender uma identidade nacional, como a campanha da nacionalização no Brasil - que determinou o fechamento das escolas e das sociedades de caráter étnico, a proibição da língua, se expressam em termos de amnésias e reconfigurações da memória deste grupo; como também as lutas pela conformação de uma identidade regional, gaúcha, subsumindo memórias particulares a esta; as iniciativas integracionistas de imigrantes, a ação da mídia, enfim, como marcam as configurações atuais da memória dos sujeitos étnicos.

(9) A midiaticização atenta para o lugar estratégico que tal campo passa a ter na configuração das sociedades contemporâneas, possibilitado, pela sua capacidade de “atravessar todos os outros campos sociais, condicioná-los e adequá-los às formas expressivas e representativas da mídia” (Maldonado, 2002, p.6.) Nas sociedades modernas, as mídias se instituem como um campo social central, lugar de passagem, definição e publicização dos outros campos, ainda que com especificidades nesse *atravessamento* do campo midiático (Esteves, 1998, citado por Maldonado, 2002).

(10) Lembremos que o espaço joga um lugar fundamental na ordenação da memória coletiva, como salienta Halbwachs (1990). A memória ancora-se nos espaços (ou lugares). Quando os grupos estão inseridos numa parte do espaço, eles o transformam à sua maneira, imprimem a sua marca nesse espaço. Os objetos também são suportes de memória, inserem o passado no presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Christa. Proliferação da memória: a questão do reavivamento do passado na imprensa. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (orgs.) *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005. p.60-69.

CANDAU, Joel. *Antropologia de la memoria*. 1ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

COGO, DenIse. et. al. *Mídia, migração e interculturalidade*. Relatório de pesquisa. São Leopoldo, Unisinos, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

_____. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (orgs.) *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005. pp.22-36.

LAPIERRE, Jean William (1998). Prefácio. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Joceline. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 9-14.

MALDONADO, A. Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. *Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, n.9, p.1-15, 2002. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.br>> Acesso em: 19/11/2002.

MARTÍN BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. Razón técnica e razón política: espacios/tiempos no pensados. *Revista latinoamericana de ciencias de la comunicación*, n.1, p.22-37, jul./dez., 2004.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: des-ubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo. *Diálogos de la Comunicación*, Lima, n.64, p.8-23 nov. 2002.

MATA, María Cristina. De la cultura massiva a la cultura mediática. *Diálogos de la comunicación*, n. 56, p. 80-91, out. 1999. Disponível em <www.felafacs.org/dialogos>. Acesso em: 20 de março, 2002.

MONTESPERELLI, Paolo. *Sociología de la memoria*. 1ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.

* **Jiani Adriana Bonin** é professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, São Leopoldo, RS, Brasil; co-coordenadora do grupo Processocom e membro integrante do Projeto Acadêmico Interuniversitário de Cooperação Internacional Brasil-Espanha sobre mídias, migrações e interculturalidade financiado pela CAPES (Brasil) e MEC (Espanha).